

**De Afranio Garcia, 11.7.2011**

Bom dia Bresser,

Muito obrigado pela mensagem e pela resposta. Não consegui abrir o arquivo enviado, pois a versão de Word deste computador é antiga. Se puder registrar em versão dinossáurica, agradeço.

Fico contente de saber que leu o texto de Bourdieu sobre a circulação das ideias, fonte de inspiração desta pesquisa sobre mobilidade internacional, como bem o sabe. Com efeito, este texto foi apresentado pela primeira vez na Alemanha, e estava sem dúvida baseado na própria experiência de Bourdieu ao verificar que o Martin Heidegger analisado a partir dos debates e conhecimento alemão era muitíssimo diferente do Heidegger usado por filósofos ultra-esquerdistas franceses. Mas não creio que isso diminua a força da proposta de examinar a "república internacional das letras" (como se diz por aqui) com suas "comunidades intelectuais nacionais" hierarquizadas em dominantes e dominadas, em grande variedade, segundo a história dos debates internacionais precedentes. Colonialismo para valer implica em violência aberta, coerção. "Colonialismo intelectual" como metáfora implica em força de convencimento desigual, que precisa ser explicada, não pode ser suposta. E isto que este seu amigo está tentando perseguir. Note -se que Leticia Canedo e eu acabamos de publicar capítulo de livro editado aqui sobre "Les mondes universitaires face au marché" ( Leclerc-Olive, Wagner et Ghellab, onde procuramos demonstrar que a participação brasileira nas trocas científicas internacionais tem aumentado a olhos vistos.

Lerei o seu trabalho com prazer e o discutirei depois. Há grandes convergências no que estamos falando um e outro. Talvez, o que ainda nos difere é que não creio que baste rejeitar explicitamente o "colonialismo cultural", ou reivindicar "independência cultural", para deixar uma posição dominada e entrar no rol dos que pesam nos destinos dos vários ramos do conhecimento. Volto a Max Weber: também os dominantes não dominam a relação de dominação. A dominação é algo de objetivo, que se inscreve também em formas subjetivas. Tentar descobrir e explicitar como existem e operam "modos de dominação" ( comecei a trabalhar neste assunto ao estudar os moradores de grandes plantações canavieiras; por sinal assunto que ocupou o "jovem" Max Weber sobre os trabalhadores a leste do Elba) parece -me ser um caminho para reforçar o combate por emancipação no maior número de planos possíveis.

Desculpe -me a resposta longa e mais afirmativa do que demonstrativa. Parece que nosso diálogo se torna a cada dia mais denso. Agradeço -lhe sinceramente.

Grande abraço (às vésperas de embarcar ao Brasil- e estar com as netas)

Afrânio

**Le 08/07/2011 17:07, Luiz Carlos BresserPereira a écrit :**

Caro Afrânio,

Li seu trabalho, que é muito interessante, e li também a conferência de Bourdieu

sobre a circulação das ideias internacionais. Nesse trabalho ele dá grande ênfase aos "campos nacionais de conhecimento", e discute como os intelectuais de outros países se apropriam e traduzem para seu contexto e para seus interesses de hegemonia intelectual.

Bourdieu está pensando sempre na relação França-Alemanha, por isso não considera o problema fundamental para os brasileiros da hegemonia intelectual dos países ricos. Mas o resto é perfeitamente aplicável.

Quando eu penso na circulação das elites e das ideias o que me impressiona é o colonialismo dos brasileiros. Eu escrevi recentemente um artigo sobre o Qualis que fala sobre esse assunto. Sobre "O espírito colonial dos economistas". Não o enviei ainda para publicação na Folha. Gostaria de conhecer sua reação.

Um abraço. Luiz Carlos.

**Em 5 de julho de 2011 04:05, <[Afranio-Raul.Garcia@ehess.fr](mailto:Afranio-Raul.Garcia@ehess.fr)> escreveu:**  
Caro Bresser

Permito -me enviar -lhe artigo a ser publicado em livro no Brasil, tentando resumir os resultados das pesquisas sobre a mobilidade internacional dos estudantes universitários brasileiros. Espero que possa contribuir para a conversa que tivemos sobre a diversificação intelectual da camada dirigente no Brasil e em escala internacional, e para a diferença entre transmissão de patrimônio econômico ( os "capitalistas tradicionais") e os novos modos de acesso a posições privilegiadas como "elites intelectuais" (que muitas vezes se pensam como únicos portadores do "conhecimento universal", sem explicitar o arbitrário da própria posição privilegiada, embora dominada ). Como a evolução dessa competição "em cima" tem a ver com vias diferentes dos processos que alteram as condições de vida "dos de baixo" & questão fundamental, mas é ainda uma outra história...

Grande abraço

Afrânio